

A jornada de Francisco Xavier no Arquipélago Japonês entre 1549 e 1552

Willian Carlos Fassuci Larini

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná - Brasil
wcarloslarini92@gmail.com

Sezinando Luiz Menezes

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná - Brasil
slmenezes@uem.br

Célio Juvenal Costa

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná - Brasil
celiojuvenalcosta@gmail.com

Resumo: O artigo¹ analisa a ação missionária do jesuíta Francisco Xavier no Japão, em meados do século XVI. Para efetuarmos o estudo, utilizamos como fonte uma epístola em que ele narra a sua vivência apostólica e a de outros dois europeus ligados a Ordem Jesuítica naquele país. O estudo tem por objetivo compreender as intenções do missionário, ao escrever a carta, em que aborda os triunfos e as atribulações dos inacianos na nação nipônica. Além disso, ao longo deste artigo buscamos entender a concepção do jesuíta sobre a sociedade nipônica. Nossa abordagem metodológica consistiu num exame meticuloso da missiva de Xavier, pois temos conhecimento que tal escrito não era um simples relato. Quando for cabível, visamos questionar os elementos da narrativa escrita pelo evangelizador e como complemento comentaremos sobre a realidade japonesa do século XVI. Os trabalhos de Fernando Torres Londoño (2002) e Alcir Pécora (2008) sobre as cartas jesuítas se constituíram na base teórica que nos possibilitaram compreender a importância das epístolas para a ação dos jesuítas. Ainda como fundamento teórico, destacamos o trabalho de Yi-Fu Tuan (1980) que nos impulsionou a pensar de forma diferenciada a experiência que Xavier vivenciou no Japão, interagindo em diferentes localidades com culturas desconhecidas até então pelo jesuíta.

Palavras-chave: Japão. Francisco Xavier. Carta.

Introdução

No site da Companhia de Jesus no Brasil é possível encontrar uma matéria de 2013 relativa às origens da denominação do pontífice atual da igreja católica:

O jesuíta argentino Jorge Mario Bergoglio, escolhido como novo Papa da Igreja Católica, escolheu o nome de Francisco durante seu papado. E a escolha do nome faz referência a São Francisco de Assis, que fundou a ordem dos Franciscanos, mas principalmente a São Francisco Xavier, conhecido como

¹ Este trabalho é oriundo do capítulo de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá em 2019.

missionário do Oriente e um dos fundadores da Companhia de Jesus (JESUÍTAS BRASIL, 2013, [s/p.]).

Então é possível presumir que mesmo passados séculos de sua existência, Francisco Xavier continua tendo relevância no catolicismo. Neste trabalho, visamos analisar ponderadamente sobre um dos períodos cruciais da história de Xavier como evangelista.

Numa carta² escrita por Francisco Xavier, no princípio do ano de 1552, na Índia, foram expostos aspectos da sua trajetória de quase três anos no Japão entre 1549 e 1551. Os destinatários da carta eram os seus “Companheiros Jesuítas da Europa” (XAVIER, 2006, p. 551-577). Essa missiva é essencial para o entendimento de como decorreu a primeira missão evangelizadora da Ordem Jesuíta no arquipélago japonês. O missionário menciona, nesse escrito, as diferentes localidades por onde atuou no Japão, a totalidade de japoneses convertidos ao cristianismo, o seu contato com os monges que eram os representantes das religiões tradicionais japonesas e o relacionamento com os comandantes locais do país asiático.

Tendo por fonte essa missiva, temos por objetivo, neste trabalho, estudar, sob a ótica de Francisco Xavier, a civilização japonesa no século XVI e os propósitos do religioso cristão ao realizar tal texto. Michiko Yusa (2002) disserta sobre os motivadores que culminaram na partida de Xavier para o arquipélago japonês em 1549. Inicialmente, a pesquisadora menciona que:

Uma das missões da ordem [Companhia de Jesus] era converter os “pagãos” ao Cristianismo. Francisco Xavier foi colocado em Goa, na Índia, onde, durante vários anos, se dedicou à evangelização e onde conheceu Anjiro, um condenado japonês, que se refugiara no estrangeiro. O padre tornou-se confessor de Anjiro e converteu-o ao Cristianismo. À medida que o foi conhecendo melhor, Francisco Xavier convenceu-se de que deveria evangelizar o Japão. Ele e outros dois jesuítas, o padre Cosme de Torres e o irmão Juan Fernández, acompanhados por Anjiro que lhes servia de intérprete, saíram de Goa e chegaram a Kogoshima no dia 15 de Agosto de 1549 (YUSA, 2002, p. 72-73).

Em conformidade com a pesquisadora, Francisco Xavier não recebeu ordens de seus superiores para partir para o Japão, deslocou-se para o país asiático por iniciativa própria.

Em cartas que Xavier redigiu no final de 1549, na localidade nipônica de Kagoshima, estão relatadas suas impressões iniciais a respeito do Japão e dos seus habitantes. Essas missivas são distintas da epístola de 1552. Na carta redigida na Índia,

² Tal epístola está presente na obra documental organizada e traduzida pelo padre jesuíta Francisco Sales Baptista, S.J. (2006) “São Francisco Xavier: Obras completas”.

Xavier faz observações mais apuradas sobre o país asiático. Contudo, acreditamos que tais missivas compartilham semelhanças na sua abordagem de feitura.

Fernando Torres Londoño (2002) faz uma classificação das missivas escritas pelos membros da Companhia de Jesus. Para o estudioso, parte das cartas eram escritas para engrandecer a ação evangelizadora da Ordem Religiosa, entretanto,

[...] na prática missionária dos anos cinquenta e sessenta do século XVI os resultados e o avanço da Fé estavam muito longe dos relatos edificantes. São Francisco Xavier tinha encontrado inúmeros obstáculos na Ásia, principalmente no que ele sonhou como sua grande missão: a introdução do cristianismo no Japão (LONDOÑO, 2002, p. 26).

A missiva escrita por Xavier, em 1552, que relata a sua jornada pelo arquipélago japonês, é uma das mais extensas com que já tivemos contato. Evidentemente, essa carta não retrata tudo o que o missionário passou no país asiático. É provável que o jesuíta tenha suprimido informações e concentrado em pontos que julgava mais importantes sobre o trabalho missionário no Japão. No prosseguimento, iniciaremos a nossa análise sobre o relato de Francisco Xavier.

Conteúdo da carta escrita em 1552 por Francisco Xavier

Segundo Alcir Pécora (2008, p. 39, grifo do autor), para a redação das “cartas jesuíticas que cruzaram o território das províncias do Brasil e do Grão Pará e Maranhão, os jesuítas aplicaram procedimentos disponíveis na tradição da *ars dictaminis*, isto é, a arte de escrever cartas”.

Embora o estudioso brasileiro não aborde escritos que estejam relacionados com a atividade missionária jesuítica exercida por Francisco Xavier no Oriente, o seu trabalho sobre os aspectos cerimoniosos das cartas são um importante instrumento metodológico para o nosso trabalho. Ele explora as correspondências da Companhia de Jesus de acordo com o “[...] modelo histórico da *ars dictaminis*, cujas partes principais da disposição são *salutatio, captatio benevolentiae, narratio, petitio e conclusio*” (PÉCORA, 2008, p. 40, grifos do autor). Segundo o autor, a *solutatio*:

[...] é a primeira parte do exórdio da carta. Trata-se de uma saudação breve, entendida como aplicação de uma fórmula piedosa, com poucas variações notáveis, seja qual for o lugar hierárquico do destinatário. Em geral, quando a fórmula é empregada para leigos ou para superiores eclesiásticos que não fazem parte da Companhia, a *salutatio* invoca *paz, graça* ou *consolação* apenas em favor dos destinatários, como desempenho de zelo espiritual e humildade; quando se trata de empregá-la em relação aos irmãos, a fórmula se aplica como

pedido de que o favor divino recaia sobre um “nós”, que reafirma desde logo a “união” que rege o corpo da Ordem (PÉCORA, 2008, p. 40, grifo do autor).

Francisco Xavier (2006, p. 551) faz uso da *salutatio* na primeira frase da carta escrita em 1552 em Cochim: “A graça do Espírito Santo seja sempre em nossas almas. Amen”. Da mesma forma como pretendemos demonstrar na redação da sua carta, Francisco Xavier segue a estrutura da *ars dictaminis* descrita por Pécora (2008) em seu artigo.

Depois do missionário efetuar o cumprimento aos companheiros da Ordem Jesuíta, passa a relatar como ele e seus companheiros de viagem teriam sido tratados ao aportarem em Kagoshima em agosto de 1549:

No ano de 1549, a vinte de Agosto³, chegámos ao Japão, todos de paz e de saúde, desembarcando em Cangaxima, que é um lugar donde eram naturais os japoneses que nós levávamos. Fomos recebidos da gente da terra muito benignamente. Principalmente dos parentes de Paulo, japonês, os quais quis Deus Nosso Senhor que viessem ao conhecimento da verdade. E assim, perto de um cento se fizeram cristãos, no tempo em que estivemos em Cangaxima. Folgaram os gentios em ouvir a lei de Deus, por ser coisa que nunca ouviram nem jamais tiveram conhecimento dela (XAVIER, 2006, p. 551-552).

Essa afirmação sobre a conversão de quase cem japoneses é relevante, pois demonstra que Xavier, juntamente com os seus companheiros de evangelização, teriam iniciado de forma promissora a atuação missionária no Japão. O jesuíta relata que ele e os seus companheiros teriam permanecido por um período superior a doze meses em Kagoshima (XAVIER, 2006). É provável que, no decorrer desse período, os religiosos europeus tivessem a oportunidade de pregar a religião cristã, no entanto, conforme alertou Charles Boxer (2007), é necessário cautela ao utilizar as epístolas dos jesuítas. Um dos aspectos evidenciados pelo historiador britânico em relação às missivas dos jesuítas diz respeito a uma profusão em relação ao número de nativos evangelizados.

Não pretendemos contradizer as informações presentes no escrito de Xavier, mas seria ilógico não supor que o padre aumentasse o número de japoneses convertidos ao cristianismo, para que, assim, pudesse engrandecer o trabalho missionário, afinal, como é discorrido por Londoño (2002) em seu trabalho, uma parcela das missivas redigidas pelos integrantes da Companhia de Jesus necessitava ser “edificante”.

³ Como é apontado por Baptista (2006), Xavier numa outra missiva escrita em cinco de novembro de 1549 para seus companheiros jesuítas que residiam na Europa, relata que ele e seus companheiros haviam aportado no Japão em 15 de agosto de 1549 (data correta), isto demonstra certa confusão do missionário ao se referir a data exata em que ele havia chegado pela primeira vez no Japão. Este equívoco do religioso talvez se justifique pelo fato de existir uma considerável distância temporal entre as duas cartas.

Consideramos necessário refletir sobre o nível de conhecimento desses conversos japoneses mencionados por Xavier no que se refere à religião cristã. No princípio da relação junto aos clérigos da Companhia de Jesus, múltiplos japoneses entendiam a crença cristã como uma doutrina atualizada do credo budista, isso teria ocorrido com japoneses que se tornaram cristãos ao escutarem a explanação feita por Francisco Xavier (YAMASHIRO, 1989). Essa forma de entendimento do cristianismo demonstra que a conversão de quase cem pessoas em Kagoshima anunciada por Xavier poderia significar que, entre os convertidos, não houvesse compreensão intensa dos credos que os jesuítas propagavam.

No que se refere ao entendimento dos nipônicos em relação ao cristianismo, gostaríamos de destacar um detalhe que pode nos ajudar a explicar por que os japoneses veriam a religião cristã como uma vertente do budismo. Wright (2006, p. 124) menciona que Xavier,

[...] no Japão do século XVI, quando fiando-se num conselho imperfeito, havia usado a palavra japonesa *Dainichi* para representar o Deus cristão: infelizmente a palavra significava algo como 'uma força de sabedoria pessoal que iluminava o universo' e, portanto, fez com que o cristianismo se parecesse com mais uma seita budista.

Em relação à suposta conversão de quase cem japoneses ao cristianismo, em Kagoshima, há de se considerar também o papel desempenhado pelo japonês convertido, Paulo de Santa Fé. O evangelizador faz menção, na missiva, à atuação de Paulo na localidade nipônica de onde era proveniente: “[...] chegámos à terra de Paulo, como acima disse, que se chama Cangoxima, onde, pelas muitas pregações que Paulo pregou aos seus parentes, se fizeram perto de cem cristãos; [...]” (XAVIER, 2006, p. 556).

Anteriormente citamos Michiko Yusa (2002), que menciona o contato de Francisco Xavier com o japonês convertido em Malaca. Louis Frédéric (2008, p. 68-69), em seu dicionário temático sobre o Japão, apresenta mais algumas informações sobre o nipônico cristão:

Nome (Angeles?) dado ao primeiro japonês que abraçou o cristianismo. Seu verdadeiro nome era talvez Yajirô (±1512 ou 1513-1551). Acusado de assassinato, refugiou-se a bordo de navio um português que o levou a Malaca, onde Francisco Xavier o converteu. Retornou ao Japão em companhia do missionário e ficou com ele um certo tempo. Todavia, em razão de perseguições anticristãs, fugiu para a China, onde se tornaria pirata. Morreu naquele país.

No mesmo contexto de Paulo, existiam outros dois nipônicos que haviam se convertido em Goa, no entanto, Xavier não faz grandes menções na epístola escrita em

1552 sobre o papel desempenhado por esses japoneses no processo de evangelização em Kagoshima.

No prosseguimento da carta, Xavier (2006, p. 552) discorre sobre as características do povo japonês:

Os japoneses são gente de muita opinião, em lhes parecer que em armas e cavalaria não há outros como eles. Gente é que tem em pouco toda a outra gente estrangeira. Prezam muito as armas. Têm-nas em muito grande estima e de nenhuma coisa tanto se prezam como de ter boas armas, muito bem guarnecidas de ouro e prata. Continuamente trazem espadas e punhais, em casa e fora de casa: mesmo quando dormem as têm à cabeceira.

No que se refere às descrições do missionário sobre o povo japonês, é necessário frisar a característica evidenciada pelo jesuíta em relação ao hábito dos japoneses de carregar constantemente armas brancas, as quais eram objeto de grande devoção. Isso demonstra o quão arriscado era a missão dos primeiros evangelizadores católicos no Japão. Os religiosos europeus foram para o território japonês desprovidos de apoio bélico, assim, caso ocorresse algum dissabor com os japoneses, os padres poderiam ser facilmente mortos.

Francisco Xavier (2006, p. 552) faz outras exposições na carta sobre as particularidades dos nipônicos:

Confiam mais nas armas que quanta gente tenho visto em minha vida. São muitos grandes flecheiros. Pelejam a pé, ainda que haja cavalos na terra. É gente de grande cortesia entre eles, embora com estrangeiros não usem aquelas cortesias, por os têm em pouco. Em vestidos, armas e criados, gastam tudo quanto têm, sem guardar tesouros. São muito belicosos e vivem sempre em guerras: quem mais pode é maior senhor. É gente que tem um só rei; porém há mais de cento e cinquenta anos que lhe não obedecem; por esta causa continuam as guerras entre eles.

Essa é a primeira vez que Francisco Xavier mencionou, em uma epístola, os conflitos belicosos que se decorriam por séculos no país asiático. Conforme discorre Yamashiro, nessa época (denominada de Sengoku Jidai), perante o auxílio de comandantes bélicos e posteriormente de senhores de terras que detinham um grau superior de influência, a nação asiática livrou-se do controle governamental, financeiro e relativo à cultura da capital Kyoto, se estabeleceu “[...] uma economia de múltiplos polos de irradiação (capitais provinciais ou de feudos). Temos então, um processo de multipolarização dos centros de decisão política, com naturais reflexos na economia e na cultura [...]” (YAMASHIRO, 1993, p.151-152).

Nas passagens da carta de Xavier (2006) que evidenciamos acima, o missionário afirma que o povo japonês não tinha grande apreço por indivíduos que não fossem do

Japão. O jesuíta não é muito claro ao fazer essas afirmações. Xavier e os outros religiosos cristãos que o acompanhavam em sua jornada pelas terras nipônicas eram tidos como forasteiros, e o termo utilizado pelo missionário em relação ao comportamento dos nipônicos diante dos visitantes sugere que talvez não tenha sido tão amistoso o primeiro contato dos jesuítas com os japoneses.

Na continuidade da carta, o padre jesuíta teve por enfoque os representantes das religiões japonesas, os denominados bonzos.

Há na terra grande número de homens e mulheres que fazem profissão de religião. Os homens, chamam-se entre eles bonzos. Destes, há de muitas maneiras: uns de hábitos pardos e outros de hábitos pretos. Entre eles há pouca amizade, porque os bonzos dos hábitos pretos querem grande mal aos dos hábitos pardos, dizendo que os dos hábitos pardos sabem pouco e vivem mal. Entre as mulheres, há umas bonzas de hábitos pardos e outras de hábitos pretos. As dos hábitos pardos estão à obediência dos bonzos do mesmo hábito; e as do hábito preto, à obediência dos bonzos do mesmo hábito. Destes bonzos e bonzas, há grandíssimo número no Japão, coisa para não se poder crer senão vendo-o (XAVIER, 2006, p. 553).

Em outro segmento da missiva o evangelizador relata sobre um senhor de terras japonês, que teria múltiplas habitações religiosas no seu território; acreditamos que através de tal sentença o padre procura transmitir como existiam muitos bonzos no Japão:

Afirmaram-me pessoas de muita verdade, que há um duque no Japão, em cujas terras há oitocentos mosteiros de frades e freiras e que, cada um destes, não tem menos de trinta pessoas; e que, afora estes oitocentos mosteiros, há outros de quatro, seis, oito pessoas. Eu, pelo muito que tenho visto de Japão, creio ser assim (XAVIER, 2006, p. 553).

Não temos como confirmar os números expostos por Xavier em relação às moradias dos bonzos, mas com base nas leituras que efetuamos sobre a história do Japão, acreditamos que seria possível ter existido um número considerável de habitações em que viviam os monges japoneses, dado o nível de influência das religiões nipônicas.

Xavier (2006) relata que a crença dos bonzos é advinda do território chinês⁴ e que os religiosos japoneses possuíam manuscritos sobre múltiplos indivíduos que realizaram significativos sacrifícios por milênios, sendo que os que tinham maior importância eram denominados Shaka e Amida.

⁴ Michiko Yusa (2002, p. 31) menciona que o "Budismo, com origem na Índia, foi transmitido ao Japão por intermédio da China e da Coreia".

O missionário menciona que existiam nove doutrinas religiosas distintas no Japão, referenciadas como lendas⁵. Pelo que é exposto pelo jesuíta, na sociedade japonesa ambos os sexos tinham liberdade para decidir a doutrina religiosa que pretendiam seguir. Em uma mesma família nipônica, os integrantes podiam seguir grupos religiosos distintos. Eventualmente, os japoneses poderiam se envolver em conflitos belicosos quando debatiam a respeito de qual doutrina religiosa seria superior⁶ (XAVIER, 2006).

Na continuidade da carta, alguns detalhes sobre as seitas religiosas japonesas são apresentadas:

Nenhumas destas nove seitas falam na criação do mundo nem das almas. Todos dizem que há inferno e paraíso; porém, ninguém explica que coisa é paraíso, nem menos por cuja ordenação e mandado vão as almas para o inferno. Estas seitas somente tratam que os homens que as fizeram foram de grandes penitências – a saber, de mil e dois mil e três mil anos – e que, estas penitências que fizeram, era havendo respeito à perdição de muita gente que não fazia nenhuma penitência dos seus pecados; e que, por respeito destes, faziam eles tanta penitência para que lhes ficasse algum remédio (XAVIER, 2006, p. 554).

Na concepção do padre jesuíta, a ação primordial dos grupos religiosos nipônicos era afirmar que as totalidades das pessoas que se recusavam a realizar sacrifícios para a remissão das suas transgressões poderiam ser poupadas de encargos se invocassem os criadores de tais doutrinas. Todavia, era necessário que os japoneses tivessem muita convicção. Mesmo aqueles que fossem condenados para o lugar aonde iam os pecantes depois da morte poderiam ser salvos, desde que clamassem pelos precursores das doutrinas religiosas (XAVIER, 2006). Francisco de Sales Baptista (2006), com base no trabalho de Schurhammer (1929), menciona que tal característica das crenças nipônicas era reservada essencialmente aos integrantes do grupo religioso denominado Jôdo. Yamashiro (1986, p. 98) discorre sobre as origens dessa seita milenar budista no Japão:

O monge Hônen (1133-1212) funda em 1175 (portanto na fase final do período Heian) a seita Jôdo (Terra Pura), pregando que qualquer pessoa, por mais pobre e tola, pode ingressar no paraíso depois da morte simplesmente invocando com sinceridade Amitabha, com a reza: “Namu-Amida-Batsu” (Salvai-me Buda misericordioso). Na verdade, trata-se de uma adaptação da doutrina divulgada pelos monges Kuya e Genshin que se dirigia aos aristocratas [...].

⁵ De acordo com Baptista (2006, p. 554) “Podem-se designar como as nove seitas principais: Tendai, Shingon, Yûdzû-Nembutsu, Jôdo, Rinzai-Zen, Sôtô-Zen, Ikkô Jokke, Ji”. O autor está se referindo a diferentes doutrinas do credo budista no Japão.

⁶ Michiko Yusa (2002) faz menção na sua obra a determinados conflitos belicosos envolvendo tropas formadas por grupos budistas no Japão nos séculos XV e XVI no decorrer da época do Sengoku Jidai, porém, não era comum que ocorresse brutalidades entre as seitas da crença budista, sendo o que se deflagrou no tempo de conflitos na nação asiática uma ocorrência atípica.

No prosseguimento da missiva, o padre jesuíta menciona como os grupos religiosos japoneses possuíam múltiplos preceitos, mas as diferentes doutrinas consentiam

[...] todas em dizer que cinco mandamentos são necessários. O primeiro é não matar nem comer coisa que padeça morte; o segundo, não furtar, o terceiro, é não fornicar; o quarto, não mentir; o quinto, não beber vinho. Os bonzos e as bonzas, explicando estas seitas ao povo, persuadiram-no que não podia guardar estes cinco mandamentos: é que eram homens que conversavam o mundo e que [por isso] os não podiam guardar (XAVIER, 2006, p. 555).

De acordo com o padre, os bonzos orientavam a população nipônica a prestarem auxílio a eles e, principalmente, solicitavam que fossem obedecidos e tratados de forma respeitosa. Se agissem desse modo, os monges cumpririam as prescrições no lugar da camada populacional. A fim de obter permissão para cometer transgressões, os nipônicos atendiam as orientações e, dessa forma, os religiosos japoneses de ambos os sexos eram grandemente respeitados. Os japoneses acreditavam que os monges poderiam salvar as pessoas condenadas, porque os bonzos, por consideração à população japonesa, se submetiam a não cometerem transgressões e a realizar diferentes formas de preces (XAVIER, 2006).

Ao comentar as pregações dos bonzos, o jesuíta procura mostrar como os monges tratavam as mulheres de forma distinta na sociedade japonesa.

Esta maneira de Padres pregam ao povo certos dias. Em todas as suas pregações, o principal ponto que pregam é: que não duvidem por nenhuma coisa, ainda que tenham feito e façam muitos pecados, de que aquele santo da lei que escolheram os livrará do inferno, ainda que [para] lá vão, se os bonzos rogarem por eles, pois guardam os cinco mandamentos. E estes bonzos pregam ao povo de si mesmos que são santos, porque guardam os cinco mandamentos. E mais pregam: que os pobres não têm nenhum remédio para sair do inferno, pois não têm esmola que dar aos bonzos. Pregam mais: que as mulheres que não guardam estes cinco mandamentos, não têm nenhum remédio para sair do inferno. E dão como razão que cada mulher tem mais pecados do que têm todos os homens do mundo, por causa da purgação, dizendo que coisa tão suja como mulher dificilmente se pode salvar. Porém, vêm por derradeiro a dizer que, se as mulheres fizerem muitas esmolas, mais que os homens, sempre lhes fica remédio para sair do inferno. Mais pregam: que as pessoas que aos bonzos nesta vida derem muito dinheiro, lá no outro mundo por um lhes darão dez, e na mesma moeda de dinheiro, para as necessidades que lá tiverem no outro mundo [...] (XAVIER, 2006, p. 555-556).

O missionário faz uma generalização em relação à postura dos religiosos nipônicos sobre o povo. Xavier, mesmo antes de conhecer os bonzos, tinha um olhar depreciativo em relação a eles, pois não compartilhavam da sua fé. Nesse contexto, é natural que o jesuíta indicasse os monges como enganadores que tinham por interesse saquear o rendimento das pessoas por meio de promessas, que eram baseadas em crenças

consideradas falsas. Para o missionário, tornava-se impraticável aceitar que os japoneses acreditassem que, por meio dessas ações, poderiam se safar do sofrimento eterno, já que essa concepção contrariava a religião cristã.

Na Carta, Xavier (2006, p. 557) procura mostrar que os evangelizadores cristãos, em Kagoshima, tiveram que enfrentar a oposição dos bonzos.

No dito lugar estivemos mais de um ano. Disseram estes bonzos ao senhor da terra, que é um duque de muitas terras, que se ele consentisse que os seus vassallos tomassem a lei de Deus, se perderia a terra e ficariam os seus pagodes destruídos e desacatados da gente, porque a lei de Deus era contrária às suas leis, e as gentes que tomassem a lei de Deus perderiam a devoção que tinham primeiro aos santos que fizeram suas leis. Acabaram os bonzos com o duque da terra que mandasse, sob pena de morte, que nenhum se fizesse cristão. E assim o mandou o duque: que ninguém se fizesse da lei de Deus.

Conforme relatado na carta, um daimiô, que governava a região onde Xavier e seus companheiros residiam no Japão, teria atendido as orientações dos bonzos e decretado a proibição de acesso à religião cristã em suas terras. Em uma carta escrita pelo missionário, em novembro de 1549, ele faz menção a esse mesmo senhor de terras japonesas, o qual teria concedido homenagens a Paulo de Santa Fé e se deslumbrado com a formosura de uma réplica de Nossa Senhora. Xavier (2006, p. 531) descreve o encontro que teria tido com o daimiô, em 29 de setembro de 1549:

Dia de São Miguel, falamos com o duque desta terra. Fez--nos muita honra, dizendo que guardássemos muito bem os livros em que estava escrita a lei dos cristãos que se era, a lei de Jesus Cristo, verdadeira e boa, muito havia de pesar ao demônio com ela. Daí a poucos dias deu licença aos seus vassallos para que, todos os que quisessem ser cristãos o fossem.

Assim, as cartas demonstram que o senhor de terras japonesas teria mudado a sua postura em relação à empreitada dos jesuítas, já que, inicialmente, teria se mostrado favorável à atuação dos evangelizadores católicos e, posteriormente, por influência dos bonzos, teria proibido a população que habitava o seu território de se converter à religião cristã. É necessário levar em consideração que quando o jesuíta escreveu a carta, em 1549, ele não havia completado dois meses de vivência em Kagoshima, local onde residiu por mais de um ano. Xavier reconheceu, em seus escritos, a influência que os bonzos tinham na sociedade nipônica. Os religiosos japoneses ocupavam uma posição que os permitia indispor o senhor de terras japonesas contra os europeus que eram estrangeiros recém- chegados ao Japão.

O padre jesuíta relata o que ele e seus companheiros realizaram durante o ano que passaram em Kagoshima:

Neste ano que estivemos no lugar de Paulo, ocupámo-nos em doutrinar os cristãos, em aprender a língua, e em traduzir muitas coisas da lei de Deus em língua do Japão, a saber: acerca da criação do mundo, com toda a brevidade, explicando o que era necessário para eles saberem como há um Criador de todas as coisas, do qual eles não tinham nenhum conhecimento; além disso, outras coisas necessárias, até vir à encarnação de Cristo, tratando a vida de Cristo por todos os mistérios até à ascensão; e [por fim] uma explicação do dia de Juízo. Este livro, com muito trabalho, tirámos na língua do Japão e o escrevemos em letra nossa. Por ele líamos aos que se faziam cristãos, para que soubessem como haviam de adorar a Deus e a Jesus Cristo para se haverem de salvar. Folgavam muito os cristãos e os que não eram cristãos de ouvir estas coisas, por lhes parecer que esta era a verdade, porque os japoneses são homens de muito singulares engenhos e muito obedientes à razão. Se se deixavam de fazer cristãos era por temor do senhor da terra e não porque não reconheciam que a lei de Deus era verdadeira e as suas leis falsas (XAVIER, 2006, p. 557).

Mesmo sabendo da existência dos bonzos antes da partida para o Japão⁷, Francisco Xavier e seus companheiros não foram capazes de superar a influência e a importância que os monges tinham na sociedade nipônica. Também é preciso considerar que os religiosos europeus cristãos consistiam, basicamente, em três pessoas, os quais eram auxiliados por nipônicos, o que é um número bastante desproporcional se equiparado ao número amplo de bonzos que, provavelmente, existiam no Japão naquela época, isto deve ter tornado o processo ainda mais trabalhoso e desgastante. Além disso, os monges nipônicos pregavam crenças que eram conhecidas há séculos no Japão.

O padre jesuíta fala sobre a sua partida e a de seus companheiros de Kagoshima:

Passado o ano, visto que o senhor da terra não era contente que a lei de Deus fosse em crescimento, fomos para outra terra e nos despedimos dos cristãos. Com muitas lágrimas se despediram de nós, pelo muito grande amor que nos tinham, dando-nos muitas graças do trabalho que levámos em ensinar-lhes de que maneira se haviam de salvar. Ficou com estes cristãos Paulo, natural da terra, muito bom cristão, para os doutrinar e ensinar (XAVIER, 2006, p. 557-558).

Expomos, com base na carta que Francisco Xavier escreveu em 1552, o que teria ocorrido com ele durante a sua passagem pela cidade japonesa de Kagoshima entre os anos de 1549 e 1550. Contudo, existem informações sobre o período inicial que o jesuíta e seus companheiros residiram no Japão que não estão presentes no relato do missionário. Afinal, as cartas não conseguem detalhar a totalidade dos acontecimentos.

Conforme aludimos antes, Xavier (2006) afirma na missiva que ele e seus companheiros residiram um período superior a doze meses em Kagoshima. No decorrer

⁷ Em uma carta escrita em Cochim por Francisco Xavier em 22 de junho de 1549 para "A Companhia de Jesus na Europa" (XAVIER, 2006, p. 482-483), ele demonstra ter conhecimento da existência de indivíduos que eram religiosos no Japão: "Diz-nos quem de lá vem, que é grande o número dos Padres que no Japão há; e dizem-mo por nova muito certa que são muito obedecidos, estes Padres, do povo, assim dos grandes como dos pequenos" (XAVIER, 2006, p. 488).

desse período, é possível que os religiosos europeus tivessem visitado mais de uma localidade. É afirmado por Leão (2017, p. 184), com base na obra de Georg Schurhammer (1973-1982), que o missionário católico e seus companheiros “se espalharam pelos núcleos urbanos de Satsuma. Os primeiros contatos mais intensos com os religiosos japoneses aconteceram nesta época, pois a província, sobretudo a cidade de Kogoshima, tinha uma vida religiosa muito intensa naquela época [...]”. Assim, os jesuítas não teriam se concentrado em um único povoado durante a sua incursão inicial pelo Japão, mas este fato não está claro na carta de Xavier.

O historiador brasileiro, com base em diferentes autores, faz outra leitura sobre a interação dos jesuítas com o senhor de terras em Kagoshima. De acordo com a epístola de Xavier, este daimiô, que inicialmente fora favorável aos religiosos cristãos, teria se voltado contra os europeus por conta da influência dos bonzos. Leão (2017, p. 187, grifo do autor) afirma que depois que o senhor de terras japonesas percebeu “[...] que a presença dos missionários poderia favorecer suas ambições políticas – em meio a **Segoku-Jidai** –, que envolvia o comércio **nanban** e as armas de fogo, Shimazu Takahisa⁸, concedeu autorização para os jesuítas pregarem nas suas terras [...]”.

Mas, quando, em 1550, Francisco Xavier

[...] deixou para trás os limites territoriais da província de Satsuma, o **daimiô** Shimazu Takahisa revogou a licença que os primeiros missionários ganharam para pregarem em seus domínios. A retaliação era óbvia, pois no tempo em que a guerra civil se dilatava também pelo arquipélago de Kyushu, o monopólio das armas de fogo era fundamental no conflito com os clãs vizinhos (LEÃO, 2017, p. 190, grifo do autor).

Pelo que é exposto acima não seria por influência dos bonzos que o senhor de terras teria se indisposto com os religiosos cristãos, pois a rusga do daimiô com os jesuítas teria sido ocasionada pelo interesse que tinha na tecnologia bélica que os mercadores portugueses trouxeram ao Japão. No entanto, tal fato contradiz o que é apresentado por Xavier. Talvez o missionário, visando considerar os bonzos de forma negativa, colocou os monges japoneses como a causa preponderante que contribuiu para a saída dos evangelizadores cristãos de Kagoshima.

Depois de terem partido de Kogoshima, os religiosos europeus se deslocaram para uma distinta localidade nipônica⁹, onde teriam sido bem tratados pelo daimiô que a

⁸ “**SHIMAZU TAKAHISA**. Daimiô (1514-1571) de Satsuma, Ôsumi e Hyûga. Recebeu as primeiras armas de fogo trazidas pelos portugueses encalhadas na ilha de Tanegashima em 1543 [...]” (FRÉDERIC, 2008, p. 1048, grifo do autor). Como fica evidente, o daimiô de Kogoshima com que Xavier tivera contato foi o primeiro no Japão a ter acesso a armas de fogo.

⁹ De acordo com Baptista (2006), tal localidade nipônica era denominada Hirado.

comandava. Ficando por um curto período neste povoado, os evangelizadores cristãos teriam convertido, aproximadamente, uma dezena de japoneses (XAVIER, 2006).

O missionário menciona na epístola, que um dos seus companheiros de evangelização teria tido uma progressão em relação ao idioma falado na nação nipônica: “a este tempo já um de nós sabia falar japonês e, lendo pelo livro que traduzimos em língua do Japão, juntamente com outras práticas que fazíamos, se faziam muitos cristãos. Neste lugar ficou o Padre Cosme de Torres, com os cristãos que se faziam” (XAVIER, 2006, p. 558).

Francisco Xavier e João Fernandes partiram para Yamaguchi, que era um território comandado por um poderoso daimiô. Conforme é exposto pelo missionário, residiam múltiplos nobres¹⁰ na localidade nipônica e diferentes tipos de pessoas que tinham por intenção se informar sobre os preceitos que os religiosos europeus ensinavam (XAVIER, 2006).

O jesuíta relata sobre as pregações que fizeram em Yamaguchi e o desrespeito que teriam sofrido na cidade japonesa:

[...] por muitos dias determinámos pregar pelas ruas: cada dia duas vezes, lendo pelo livro que levávamos, fazendo algumas práticas conforme ao que líamos pelo livro. Era muita a gente que acudia às pregações. Éramos chamados a casas de grandes fidalgos, para nos perguntarem que lei era aquela que pregávamos, dizendo-nos que, se fosse melhor que a deles, a tomariam. Muitos mostravam contentamento em ouvir a lei de Deus, outros faziam zombaria dela, outros lhes pesava. Quando íamos pelas ruas, eram os meninos e outra gente que nos perseguia, fazendo escárneo de nós, dizendo: «Estes são os que dizem que havemos de adorar a Deus para nos salvar, e que nenhum outro nos pode salvar senão o Criador de todas as coisas». Outros diziam: «Estes são os que pregam que o homem não há-de ter mais que uma mulher». Outros diziam: «Estes são os que condenam o pecado da sodomia». É pecado muito geral entre eles. E assim nomeavam os outros mandamentos da nossa lei, e isto para fazer escárneo de nós (XAVIER, 2006, p. 558-559).

Essa foi a primeira vez que Francisco Xavier relatou ter sido ridicularizado pela população de uma comunidade japonesa. Já havia feito alusão ao seu antagonismo com bonzos em Kagoshima e as adversidades que ele e seus companheiros tiveram com o daimiô de Satsuma, que havia proibido o cristianismo em suas terras, mas nunca havia mencionado problemas na relação com o povo nipônico.

Depois de disseminarem o cristianismo por um certo período, Francisco Xavier e João Fernandes foram convocados para um encontro com o daimiô que comandava o território onde se localizava Yamaguchi:

¹⁰ Na carta, Francisco Xavier os denomina como duques.

Depois de ter passado muitos dias neste exercício de pregar, assim pelas casas como pelas ruas, mandou-nos chamar o duque de Amanguche, que estava na mesma cidade, e nos perguntou muitas coisas. Perguntando-nos donde éramos, e por que razão fomos ao Japão, nós respondemos-lhe que tínhamos sido mandados ao Japão pregar a lei de Deus, pois ninguém se pode salvar sem adorar a Deus e crer em Jesus Cristo Salvador de todas as gentes. Então nos mandou que lhe explicássemos a lei de Deus, e assim lhe lemos muita parte do livro. Esteve muito atento todo o tempo que lemos, que seria mais de uma hora, e assim nos despediu. Nesta cidade perseverámos muitos dias em pregar pelas ruas e casas. Muito folgavam em ouvir a vida de Cristo e choravam quando vínhamos ao passo da Paixão (XAVIER, 2006, p. 559).

No decorrer da sua missão, Francisco Xavier se encontrou novamente com esse líder japonês. O contato dos jesuítas com esse daimiô refletiu uma mudança nos procedimentos de evangelização dos missionários católicos no Japão. Mais à frente abordaremos essas questões.

Por não conseguir avançar na conversão cristã em Yamaguchi, o jesuíta partiu para uma localidade do território japonês que detinha um grau superior de importância, denominada Miyako (XAVIER, 2006). O missionário expõe, de forma breve, como foi a sua dura jornada para chegar a esta localidade: “Estivemos no caminho dois meses. Passámos muitos perigos no caminho, por causa das muitas guerras que havia pelos lugares por onde íamos. Não falo no grande frio que naquelas partes de Miaco faz, nem dos muitos ladrões que há pelo caminho” (XAVIER, 2006, p. 559-560).

No curto período em que permaneceu em Miyako, Francisco Xavier procurou encontrar o Imperador do Japão visando requerer permissão a fim de propagar o cristianismo no território japonês. Por não conseguir contato com o soberano e ainda por descobrir que ele tinha pouco poder sobre seus vassallos, o jesuíta desistiu das pretensões de obter o consentimento que inicialmente almejava (XAVIER, 2006).

Em outras correspondências, o missionário menciona que tinha por finalidade se encontrar com o Imperador japonês, porém no que se refere à influência do imperador nipônico, de acordo com o historiador britânico, na época de conflitos na nação asiática, o poder do soberano e do comandante militar japonês Xogum eram nulos “enquanto a insubordinada nobreza feudal (daimyo) lutava entre si pela posse de terras e de poder” (BOXER, 1981, p. 63). Então o comentário que o evangelizador faz sobre a fraqueza do soberano nipônico não seria impreciso.

No seguimento da carta, o missionário relata como Miyako se encontrava destruída por conta dos conflitos bélicos:

Olhámos se havia disposição naquelas partes para manifestar a lei de Deus. Achámos que se esperava muita guerra e que a terra não estava em disposição. Esta cidade de Miaco foi muito grandíssima. Agora, por causa das guerras,

está muito destruída. Dizem muitos que, antigamente, havia cento e oitenta mil casas e parece-me [pois o sítio dela era muito grande] que seria verdade. Está agora muito destruída e queimada; porém, ainda me parece que terá mais de cem mil casas (XAVIER, 2006, p. 560).

Yi-Fu Tuan (1980), na obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, discorre sobre a relação que os seres humanos podem formar com o meio ambiente onde estão inseridos. Topofilia é o tema central da sua obra, nela o autor dá uma definição do que seria esse conceito:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Ao nos depararmos com o conceito de Topofilia desenvolvido pelo geógrafo sino-americano, pudemos refletir até que ponto realmente um indivíduo consegue, por meio da escrita, transpor sua percepção em relação ao ambiente que o cerca. No caso específico das cartas jesuíticas do século XVI, conforme mencionamos antes, Londoño (2002) discorre em seu trabalho como as missivas redigidas pelos integrantes da Companhia de Jesus tinham por intencionalidade engrandecer o trabalho realizado pelos evangelizadores. Compreendendo essa característica das epístolas jesuíticas, é possível indagar o quanto um missionário realmente conseguia transmitir sua própria sensibilidade em uma carta.

Voltando para o escrito de Xavier, é interessante ressaltar que o missionário, cujo enfoque eram os aspectos edificantes favoráveis da sua viagem, mencionasse a destruição de uma grande cidade japonesa. Talvez Xavier não pudesse ignorar este fato em razão da sua relevância. Mesmo que os jesuítas tivessem uma intencionalidade por detrás de sua escrita, eles não eram imunes ao seu ambiente e, de alguma forma, isso se traduzia em seus escritos.

Na continuidade da correspondência, o missionário aponta que, pelo fato de Miyako não ser propícia para a evangelização, ele e seus companheiros retornaram a Yamaguchi:

[...] tornámos outra vez para Amanguche e demos ao duque de Amanguche umas cartas que levávamos do Governador e do Bispo, com um presente que lhe mandavam em sinal de amizade. Folgou muito este duque, assim com o presente como com a carta. Ofereceu-nos muitas coisas, mas não quisemos

aceitar nenhuma, ainda que nos dava muito ouro e prata. Nós, então, pedimos-lhe que, se alguma mercê nos queria fazer, nós não queríamos outra dele senão que desse licença para pregar em suas terras a lei de Deus e para que os que quisessem tomá-la a tomassem. Ele com muito amor nos deu esta licença. E assim mandou pelas ruas da cidade pôr escritos em seu nome que ele folgava que a lei de Deus se pregasse em suas terras e que dava licença que os que a quisessem tomar a tomassem. Juntamente com isto deu-nos um mosteiro à maneira de colégio para estarmos nele (XAVIER, 2006, p. 560-561).

Como é exposto na sequência da carta, no retorno para Yamaguchi, Xavier se encontrou novamente com o daimiô que comandava a localidade e, desta vez, ele e seus companheiros de evangelização tiveram um resultado melhor com o senhor de terras japonesas.

Observamos como Sindemann (2001, p. 116, Tradução Livre) refere-se a este segundo encontro de Francisco Xavier com o daimiô de Yamaguchi (intitulado de Ouchi Yoshitaka¹¹) e explica o sucesso que os religiosos tiveram com o comandante local nipônico:

No final de abril de 1551, Francisco Xavier viajou novamente para Yamaguchi, em que esperava conquistar o poderoso duque Ôuchi Yoshitaka por suas ideias. Desta vez, ele usou suas melhores roupas, apresentou-se como representante oficial do vice-rei da Índia e bispo de Goa, e apresentou presentes esplêndidos. O daimiô ficou tão impressionado que deu permissão para a evangelização e também um mosteiro vazio como residência dos jesuítas. A partir de então muitos senhores da guerra japoneses, aristocratas e sumos sacerdotes vieram aos missionários e ouviram suas palestras¹².

Depois do contato bem sucedido com o Daimiô, Francisco Xavier e seus companheiros receberam a permissão para evangelizar e ainda foram agraciados com uma casa para difundirem o cristianismo (XAVIER, 2006). Em decorrência dos limites deste artigo não discorreremos sobre a passagem da carta de Xavier na qual ele discorre

¹¹ Frédéric (2008, p. 939-940) em seu dicionário temático apresenta algumas informações biográficas sobre tal senhor de terras nipônico: "**ÔCHI YOSHITAKA**. Daimiô (1507-1551) de Suô, filho de Ôuchi Yoshioki (1477-1529), Opôs-se aos Ôtomo de Kyûshû e aos Amako de Izumo a fim de poder controlar o comércio com a China e a Coréia. Para sua capital Yamaguchi, que ele queria que fosse tão florescente quanto Quito, ele atraiu muitos artistas, tais como Sesshû Tôyô E Sôgi. Lá também recebeu Francisco Xavier em 1550 e 1551, dando-lhe permissão para pregar em seus domínios. Os jesuítas o chamaram "rei de Yamaguchi". No entanto, seu vassalo Sue Hurukata (1521-1555) revoltou-se e obrigou-o a se suicidar, o que levou ao fim da família dos Ôuchi".

¹² Versão Original do Texto: "At the end of April 1551, Francis Xavier travelled to Yamaguchi again, where he hoped to win over the powerful duke Ôuchi Yoshitaka for his ideas. This time he took his best clothes, introduced himself as the official representative of the Portuguese Vice Roy of India and the Bishop of Goa, and presented splendid gifts. The daimyô was so impressed that he gave permission for evangelization and also an empty monastery as residence to the Jesuits. From then on many Japanese warlords, aristocrats and high priests came to the missionaries and listened to their lectures" (SINDEMANN, 2001, p. 116).

sobre o trabalho de evangelização conduzido por ele e seus companheiros em Yamaguchi. Ainda assim, julgamos ser relevante ressaltar que no seu escrito epistolar, Xavier manifesta que no período em que residiu na localidade japonesa, juntamente com seus companheiros cristãos, conseguiram converter um grupo amplo de japoneses mesmo com os nipônicos manifestando diferentes incertezas acerca da doutrina cristã, mas a permanência do evangelizador em Yamaguchi não foi duradoura (XAVIER, 2006). O evangelizador, em outro segmento da carta, explica por que deixou a cidade nipônica e menciona sobre um conflito que ocorreu em Yamaguchi o qual ocasionou a morte do Daimiô que acolheu os religiosos cristãos na povoação japonesa

Estando neste mesmo lugar de Amanguche, o Padre Cosme de Torres e Juan Fernández e eu, um senhor muito grande, que é o duque de Bungo, escreve-me que fosse aonde ele estava, porque tinha chegado uma nau de portugueses ao seu porto e lhe interessava falar comigo de certas coisas. Eu, para ver se se queria fazer cristão, e para ver os portugueses, fui a Bungo, ficando em Amanguche o Padre Cosme de Torres e Juan Fernández com os cristãos que eram já feitos. O duque fez-me muito gasalhado e eu fiquei muito consolado com os portugueses que lá vieram.

Estando em Bungo, o demônio procurou que em Amanguche houvesse guerra. Foi de tal maneira que um senhor muito grande, vassalo do duque de Amanguche, se levantou contra ele e lhe fez tanta guerra, que o fez fugir para fora de Amanguche. Indo atrás dele com muita gente, parecendo ao duque que já não se podia livrar, para não se ver em poder do seu inimigo, vassalo seu, determinou matar-se por suas próprias mãos e a um filho seu pequeno que consigo levava. E assim, ele mesmo com um punhal se matou, mandando primeiro matar seu filho, deixando encomendado aos seus que queimassem os corpos de ambos para que, quando viessem os inimigos, não achassem nenhuma coisa deles. E assim o fizeram (XAVIER, 2006, p. 569-570).

Ao relatar a morte do daimiô que governava Yamaguchi, Xavier faz referência ao rito do *haraquiri* ou *seppuku*. Frédéric (2008, p. 1029, grifo do autor) descreve como era realizado esse ritual de suicídio dos samurais:

Essa cerimônia era feita diante de um público restrito. O suicida, vestido de branco, depois de escrever um poema de adeus, cortava ligeiramente os músculos brancos do abdome e da esquerda para a direita, subindo em direção ao fígado ou fazia uma dupla incisão em cruz, utilizando um punhal chamado **kusungobu** (de “nove polegadas e cinco bu” ou 25 cm aproximadamente), mostrando assim a firme resolução de acabar com sua vida. Feita a incisão, ele inclinava-se ligeiramente para a frente de maneira a permitir que seu assistente (**kaishakunin**) o decapitasse com um golpe de sabre. Quanto às mulheres, elas suicidavam-se cortando a veia jugular com um punhal.

Futata salienta que o *seppuku* teria sido um dos hábitos da cultura nipônica que impactou grandemente os padres católicos. Segundo a autora, foi incômodo para os lusitanos entenderem que o ato de se matar, no contexto japonês, se relacionava a alguma coisa etérea, que possibilitaria a purificação do espírito, porque, no cristianismo, o autocídio era uma transgressão séria. Posteriormente, através da incorporação na

cultura, juntamente com a averiguação de que os nipônicos davam importância à dignidade como uma qualidade, tal hábito foi melhor entendido (FUTATA, 2018).

Xavier (2006, p. 570) menciona em sua carta o que ocorreu em Bungo após o falecimento do daimiô:

Depois da morte do duque, acharam os senhores da terra que não podia ser governada nem regida sem ter duque. Pelo que, mandaram embaixadores ao duque de Bungo, pedindo-lhe que lhes desse um irmão seu para ser duque de Amanguche. E eles se combinaram de maneira que um irmão do duque de Bungo vai ser duque de Amanguche. Este duque de Bungo é muito grande amigo dos portugueses. Tem gente muito belicosa e é senhor de muitas terras. Ao ser informado da grandeza do Rei de Portugal, escreve ao Rei oferecendo-se para seu servidor e amigo. Em sinal de amizade, manda-lhe um corpo de armas. Ao Vice-rei da Índia mandou um criado seu, oferecendo-lhe a sua amizade. Este veio comigo e foi muito bem recebido pelo Vice-rei que lhe fez muitas honras.

O daimiô de Bungo e o seu irmão, que se tornaria o novo daimiô de Yamaguchi, garantiram aos lusitanos que se encontravam no povoado japonês e a Xavier que o clérigo Comes de Torres e João Fernandes seriam bem tratados e beneficiados (XAVIER, 2006).

Como afirma Futata (2018), Bungo seria, num futuro próximo, um território propício à religião cristã em decorrência do auxílio prestado pelas autoridades regionais. O acolhimento e auxílio proporcionados aos evangelizadores cristãos seriam usados por diferentes comandantes nipônicos como tática a fim de conseguir a amizade dos mercadores lusitanos. Como salienta a autora, um distinto interesse dos governantes nipônicos ao auxiliar os religiosos europeus “[...] era enfraquecer a influência que o clero local exercia nas relações entre o governo e a população. Apoiar os cristãos significava somar forças para atingir alguns propósitos” (FUTATA, 2018, p. 67).

De Bungo, o jesuíta decidiu retornar para a Índia numa embarcação portuguesa:

De Bungo, sem ir a Amanguche, determinei vir à Índia numa nau de portugueses, para ver-me e consolar-me com os Irmãos da Índia e para levar Padres da Companhia para o Japão, tais quais a terra os requer, e também para levar algumas coisas necessárias da Índia, das quais carece a terra do Japão. Cheguei a Cochim a vinte e quatro de Janeiro, onde fui recebido pelo Vice-rei com muito agasalhado. Neste mês de Abril do ano de 1552 irão Padres da Índia para o Japão e, em sua companhia, tornará a ir o criado do duque de Bungo. Espero em Deus Nosso Senhor que se há-de fazer muito fruto naquelas partes, porque gente tão discreta e de bons engenhos, desejosa de saber, obediente à razão, e de outras muitas partes boas, não pode ser senão para que entre ela se faça muito fruto. Os trabalhos venham a lume e que durem sempre! (XAVIER, 2006, p. 571).

O missionário saiu do arquipélago japonês acompanhado de dois nipônicos: Bernardo e Mateus, que eram originários de Kagoshima e Yamaguchi. Mateus pereceu

na capital da Índia após a comitiva de Xavier aportar no território indiano, no início de 1552. Sua morte foi em decorrência do clima extremado do país oriental (YAMASHIRO, 1989).

Yamashiro (1989, p. 56-57) tece as seguintes considerações sobre a jornada de Bernardo pelo continente europeu:

Bernardo, o de Kagoshima, seguiu viagem à Europa, enfrentando a tormentosa navegação pelo périplo africano, contornando a extremidade sul do Continente Negro e chegando a Lisboa em 1552. Segundo relato do diretor de um colégio lisboeta, Bernardo chegara extremamente fatigado e debilitado pela longa e difícil viagem. Depois de muito estudar, inclusive frequentando um seminário em Coimbra, ingressou na Companhia de Jesus. Por ordem superior, em julho de 1554, Bernardo seguiu para Roma, em companhia de outros colegas.

Sua saúde continuou precária. Partindo de Portugal, ao chegar a Segóvia, na Espanha, teve que repousar alguns meses para tratamento. Em fins do mesmo ano prosseguiu viagem de navio, de Valência a Barcelona, alcançando Roma em janeiro seguinte. Ignácio de Loyola, fundador e geral da Companhia de Jesus, recebeu de braços abertos o jovem Bernardo, mandado pelo seu companheiro Francisco Xavier, do longínquo Japão

Bernardo, o primeiro japonês a estudar em terra europeias [...] Em 1556 retornou a Coimbra, viajando pelo Mediterrâneo. Seu estado de saúde agravou-se e ele faleceu por volta de fevereiro de 1557.

Em uma carta escrita por Xavier, em 8 de abril de 1552, para o padre jesuíta “Simão Rodriguez” (Xavier, 2006, p. 637-640), é feita menção aos japoneses Bernardo e Mateus:

Encomendo-vos muito, irmão meu Mestre Simão, que façais com esses japoneses como daí tornem tão contentes para suas terras, que tenham muitas coisas que contar de admiração: de ver colégios e disputas, me parece que se hão muito de espantar. Bernardo nos ajudou muito em Japão e também Mateus. Eles eram homens pobres e tomaram-nos amor, e por isso vieram comigo de Japão à Índia, com propósitos de ir a Portugal. A gente honrada de Japão não folga nada de sair de sua terra. Alguns cristãos honrados, que se faziam, desejavam ir a Jerusalém, para ver a terra onde Cristo nasceu e padeceu. Não sei a Mateus e a Bernardo, depois que estiverem aí, se lhes tomará este desejo de ir a Jerusalém (XAVIER, 2006, p. 640).

Francisco Xavier não foi o único evangelizador que teria por objetivo enviar jovens japoneses para o estrangeiro. Três décadas após a primeira missão dos jesuítas, no Japão,

O padre Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus, almeja mais apoio do Papa e do rei de Portugal para o trabalho missionário dos jesuítas e, se possível, o monopólio da obra evangelizadora no Japão. Para isso idealiza um plano para mostrar-lhes os bons resultados do esforço dos catequizadores no Japão. O plano consistia no envio de uma missão de jovens à Europa, ou mais precisamente, à Roma (YAMASHIRO, 1989, p. 60).

Não temos conhecimento se o jesuíta italiano definiu este plano com base no que foi realizado por Xavier, no princípio da atuação dos jesuítas no Japão, porém, como salienta Yamashiro (1989, p. 62), os interesses primordiais do clérigo Valignano ao mandar juvenil “[...] embaixada a Roma figurava o de ensinar-lhe os aspectos positivos e civilizadores do Cristianismo. Nesse sentido, não diferia muito da finalidade visada, trinta anos antes, por Francisco Xavier, ao mandar o moço Bernardo de Kagoshima estudar em Roma”.

Os escritos redigidos por Xavier (2006), em 1549, retratam que ele tinha por intencionalidade, no território nipônico, ter contato com amplos centros de erudição e afrontar supostas figuras ilustradas que atuavam nesses locais.

Na missiva escrita em 1552, o missionário discorre sobre uma grande universidade nipônica denominada Bandou e de como era o processo de alfabetização no Japão:

Nesta terra do Japão há uma universidade muito grande, a qual se chama Bandou, aonde acorre grande número de bonzos a aprender as suas seitas. Estas seitas, como acima disse, vieram da China e estão escritas em letra da China, porque a letra do Japão e a da China são muito diferentes. Há no Japão duas maneiras de letras, uma que usam os homens e outra que usam as mulheres. Muita parte da gente sabe ler e escrever, assim homens como mulheres, principalmente os fidalgos e fidalgas e os mercadores. As bonzas, nos seus mosteiros ensinam a escrever às meninas, e os bonzos aos moços. Os fidalgos, que têm maneira, têm mestres que lhes ensinam em suas casas a seus filhos (XAVIER, 2006, p 571-572).

Ainda no que se refere aos bonzos, o jesuíta fala sobre um japonês de Yamaguchi, que se instruíra no centro de erudição de Bandou conhecido por ser um indivíduo que possuía um nível elevado de erudição. O religioso europeu salienta que antecedentemente aos jesuítas aportarem no arquipélago japonês, tal nipônico abandonou sua posição como monge “[...] por lhe parecer que as leis do Japão não eram verdadeiras. Por isso, não cria nelas e sempre adorara aquele que criou o mundo. Muito folgaram os cristãos quando este homem se batizou, porque era tido em Amanguche pelo maior sabedor que havia na cidade” (XAVIER, 2006, p 572).

Em outro segmento da correspondência, o missionário discorre sobre como os monges, em suas reflexões, questionavam a possibilidade de obter a redenção nas seitas religiosas em que eram integrados:

Ocupam-se muito em contemplar, cuidando o que há-de ser deles e que fim hão-de ter, e outras contemplanções assim. Há muitos destes que, em suas contemplanções, acham que não se podem salvar nas seitas, dizendo que todas as coisas dependem dalgum princípio. Mas como não há livro que fale neste princípio, nem na criação das coisas, os que alcançam este princípio, como não

têm livros nem autoridade, não o manifestam aos outros. Estes tais folgam muito de ouvir a lei de Deus (XAVIER, 2006, p. 572).

Acreditamos que, ao expor, em seu escrito, o monge japonês que havia renunciado da sua religião e os religiosos nipônicos que contestavam os valores de suas crenças, Xavier tinha por intenção evidenciar como as crenças tradicionais nipônicas eram frágeis em sua essência. Quando o missionário relata sobre os bonzos que manifestavam o princípio do qual a totalidade das coisas derivavam, ele estaria ressaltando que, mesmo entre os monges nipônicos, existiam indivíduos que tinham uma compreensão do que seria o Deus cristão anunciado pelos jesuítas. É preciso levar em consideração que esta é uma leitura feita por Francisco Xavier sobre os bonzos, talvez as observações do missionário não correspondessem, de fato, ao que ocorria com os religiosos japoneses do século XVI.

Na sequência da carta, o jesuíta discorre sobre os planos para o futuro da missão evangelizadora no Japão:

Agora, prazendo a Deus Nosso Senhor, irão cada ano Padres da Companhia para o Japão. Em Amanguche, far-se-á uma casa da Companhia, onde aprenderão a língua e mais saberão o que cada seita tem em sua lenda. De maneira que, quando daí vierem pessoas de grande confiança para ir a estas universidades, acharão Padres e Irmãos da Companhia em Amanguche que saibam muito bem falar a língua e estejam ao cabo dos erros das seitas, o que será grande ajuda para os Padres que da Europa forem escolhidos para ir para o Japão¹³ (XAVIER, 2006, p. 573).

O missionário relata que os clérigos Cosme de Torres e João Fernandes tinham por prerrogativa, no território nipônico, transmitir aspectos relativos ao cristianismo. Aparentemente, os nipônicos ficavam admirados ao ouvirem detalhes sobre a religião cristã e se sensibilizavam com o que era proferido pelos missionários. Nesse processo de evangelização, o clérigo Cosme de Torres efetuava os sermões e João Fernandes atuava como mediador em relação ao idioma japonês (XAVIER, 2006).

Ao longo da carta, o clérigo jesuíta demonstra seu interesse em evangelizar na China:

¹³ Aparentemente este plano de Xavier de enviar clérigos para o Japão para aprender a língua japonesa seria levado adiante. Em uma carta escrita pelo missionário, em 07 de abril de 1552, é mencionado sobre o envio de dois indivíduos para o território nipônico, para serem instruídos sobre o idioma japonês: "Para o Japão vão este ano dois Irmãos, para estarem em Yamaguchi com o Padre Cosme de Torres para aprenderem a língua. Para que, quando daí vierem Padres – pessoas de grande confiança e de muita experiência, para irem para o Japão – achem Irmãos da Companhia que já saibam a língua para poderem fielmente explicar as coisas de Deus que os Padres que daí vierem lhes disserem que falem. Esta será uma grande ajuda para os Padres que daí vierem, quando forem às Universidades do Japão, manifestarem a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo" (XAVIER, 2006, p. 630).

A terra da China está perto do Japão e, como acima está escrito, da China lhe foram levadas as seitas que tem. É a China terra muito grande, pacífica, sem haver guerras nenhuma. Terra de muita justiça, segundo escrevem os portugueses que nela estão: é de mais justiça que nenhuma de toda a cristandade. A gente da China, a que até aqui tenho visto, assim no Japão como noutras partes, é muito aguda e de grandes engenhos, muito mais que os japoneses, e homens de muito estudo. A terra é muito abastada, em grandíssima maneira, de todas as coisas. Muito povoada de grandes cidades, casas de pedra muito lavrada e, o que todos dizem, terra muito rica de muitas sedas. Tenho por notícia dos chineses, que há muita gente na China de diversas leis: segundo a informação que deles tenho, parece que devem ser mouros ou judeus. Não me sabem dizer se há cristãos (XAVIER, 2006, p. 574-575).

O padre jesuíta revela, na missiva, as suas intenções de conhecer a localidade onde residia o Imperador chinês. O religioso cristão tinha, por finalidade, se deslocar para a nação asiática ainda no ano de 1552. Acreditava que seria possível propagar os fundamentos cristãos no território chinês. Na concepção do missionário, se os chineses consentissem com o cristianismo, isso auxiliaria para que, na nação nipônica, a população local não desse mais estima aos grupos religiosos dos quais faziam parte¹⁴ (XAVIER, 2006).

Na resolução da correspondência, Xavier (2006, p. 576) aborda sobre os contentamentos que teve como missionário no Japão:

Os trabalhos de trabalhar com gente discreta, desejosa de saber em que lei se há-de salvar, trazem consigo muito grande contentamento. Tanto, que em Amanguche, depois que o duque nos deu licença para pregar a lei de Deus, era tanto o número das pessoas que vinham para perguntar e disputar, que me parece que com verdade poderia dizer que, em minha vida, nunca tanto prazer nem contentamento espiritual recebi, como em ver que Deus Nosso Senhor por nós confundia os gentios e a vitória que continuamente tínhamos contra eles.

Por outra parte, ver o prazer dos que já eram cristãos em verem que os gentios ficavam vencidos, o prazer destas coisas me faziam não sentir os trabalhos corporais. Via também, por outra parte, quanto trabalhavam os cristãos em disputar, vencer e persuadir os gentios a que se fizessem cristãos. Vendo eu suas vitórias que contra os gentios alcançavam e o prazer com que cada um as contava, era sumamente consolado.

Assim como fez em outros segmentos da carta, o religioso europeu procurou

¹⁴ Xavier tinha conhecimento que diferentes aspectos da religiosidade nipônica eram originários da China. O missionário acreditava que se o cristianismo se difundisse no território chinês que era base das crenças nipônicas isto faria com que os japoneses não tivessem mais credibilidade nas suas doutrinas tradicionais. Isso é bem nítido numa outra missiva, escrita em 29 de Janeiro de 1552, para o padre Inácio de Loyola, em que o missionário menciona sua intenção de partir para o território chinês: “[...] espero ir à China, pelo grande serviço de nosso Deus que se pode seguir, assim na China como no Japão: é que, sabendo os japoneses que a lei de Deus a recebem os chineses, não-de perder mais depressa a fé que têm nas suas seitas. Grande esperança tenho de que, assim os chineses como os japoneses, pela Companhia do nome de Jesus, não-de sair das suas idolatrias e adorar a Deus e a Jesus Cristo Salvador de todas as gentes” (XAVIER, 2006, p. 583).

transmitir o êxito obtido em sua jornada evangelizadora pelas terras nipônicas, salientando como foi bem sucedido nos debates teológicos que teve com os japoneses. Acreditamos que Xavier tinha certa preocupação com o futuro da religião cristã no Japão, pois em um dos parágrafos finais da carta ele convoca mais pessoas para se juntarem a causa missionária naquela nação:

Bem creio que muitas e doutas pessoas fariam outro fundamento do que fazem para empregarem seus grandes talentos na conversão das gentes. Sendo sentido o gosto e consolação espiritual que de semelhantes trabalhos se seguem, e conhecendo a grande disposição que há no Japão para se acrescentar a nossa santa fé, parece-me que muitos letrados dariam fim aos seus estudos, cónegos e outros prelados deixariam suas dignidades e rendas, por outra vida mais consolada do que a que têm, vindo-a buscar ao Japão (XAVIER, 2006, p. 576).

O jesuíta finaliza a missiva afirmando que, quando regressou à localidade indiana de Cochim, teve contato com múltiplos indivíduos que atrapalharam o processo da elaboração da carta. Aparentemente, o religioso europeu teria redigido apressadamente o relato sobre a sua vivência no Japão. (XAVIER, 2006).

Antes de concluirmos este estudo, é importante referirmo-nos novamente ao artigo de Alcir Pécora (2008), *Epistolografia jesuítica no Brasil, Grão-Pará e Maranhão*, que estuda sobre a epistolografia da Companhia de Jesus. Um dos aspectos que mais nos chamou a atenção no texto do pesquisador brasileiro se refere à terceira etapa da composição de uma missiva que seria intitulada *narratio*, que é essencialmente “a composição de um quadro temático em que os acontecimentos selecionados atuam como exemplos de situações repetidas, que referem menos ocorrências únicas do que cenas exemplares, típicas, relativas a práticas longamente estabelecidas” (PÉCORA, 2008, p. 41). Tal aspecto das cartas jesuíticas pode ser identificado nas missivas que foram redigidas por Francisco Xavier sobre a sua atuação no Japão.

Já enfatizamos, neste trabalho, como o religioso europeu escreveu sobre os monges nipônicos, indivíduos que, por meio da sua influência, ludibriavam diferentes comunidades japonesas para obterem rendimentos. Elaborando o seu texto dessa forma, acabou por dar ênfase ao caráter benigno da missão dos padres. Acreditamos que tal aspecto presente nas missivas (inclusive na carta de 1552) de Xavier é o que Pécora (2008) se refere em seu trabalho como quadro temático.

No final da carta escrita em 1552, que detalhava a sua vivência no Japão, Xavier pede por mais missionários para ajudarem na evangelização do país asiático. Essa solicitação corresponde ao que Pécora (2008, p. 44) denomina em seu trabalho como

petitio, que seriam “[...] várias solicitações feitas à autoridade competente. Entre elas, destacam-se as relativas ao envio de mais padres”.

Conclusão

Conforme afirmamos, o objetivo deste trabalho é ponderar as intencionalidades de Francisco Xavier ao redigir o longo escrito epistolar na localidade indiana de Cochim. Em decorrência do que analisamos, foi possível constatar que tal carta foi elaborada para ser mais um texto apostólico inspirador do que um relato de viagem factual. Londoño (2002) e outros pesquisadores afirmam em seus trabalhos que os jesuítas conseguiam enobrecer as condutas missionárias por intermédio das missivas. Isso também foi observado por Charles Boxer, que faz referência a uma passagem de uma epístola de 1549, na qual Xavier afirma que era necessário que os evangelizadores jesuítas, que atuavam no arquipélago das Molucas, fizessem uma exposição epistolar detalhada sobre o ofício evangelizador com ocorrências engrandecedoras (BOXER, 2007). É possível entender que Xavier em sua carta sobre o Japão seguiu à risca as próprias instruções dadas por ele aos clérigos das Molucas. Assim, ao longo deste trabalho nos contrapomos, na medida do possível, à visão predominantemente positiva que o evangelizador procurava transmitir em seu texto, pois mesmo quando Xavier expôs algumas tribulações referentes à ação missionária no Japão, acreditamos que ainda tinha por intenção sensibilizar os leitores da carta fazendo com que eles se compadecessem.

É notório que o objetivo do missionário na carta não era simplesmente expor a sua vivência pessoal no Japão entre 1549 e 1551. Mais que isso, Xavier pretendia construir um texto que tornasse as proezas da Companhia de Jesus ainda mais evidentes no mundo. No âmbito da Ordem Jesuíta, a carta do evangelizador sobre a nação asiática poderia ser usada para conseguir maior quantidade de clérigos e irmãos para trabalharem no país asiático. Além disso, como uma cópia da carta deveria circular entre os jesuítas que missionavam em diferentes regiões do mundo, havia também o intuito de estimular as ações dos irmãos. O evangelizador era uma figura de impacto na Ordem Religiosa e seus relatos jamais seriam ignorados por outros padres.

THE JOURNEY OF FRANCIS XAVIER IN THE JAPANESE ARCHIPELAGO BETWEEN 1549 AND 1552

Abstract: The article analyzes the missionary action of the Jesuit Francisco Xavier, in Japan, in the middle of the 16th century. To develop the study, we used as a source an epistle in which he narrates his apostolic experience and that of two other Europeans linked to the Jesuit Order in that country. The study aims to understand the missionary's intentions, when writing the letter, in which he deals with the triumphs and tribulations of the Ignatians in the Japanese nation. Furthermore, throughout this article, we seek to understand the Jesuit conception of Japanese society. Our methodological approach consisted of a meticulous examination of Xavier's missive, because we know that such writing was not a simple report. When appropriate, we aim to question the elements of the evangelist's narrative and, as a complement, comment on the Japanese reality of the 16th century. The works of Fernando Torres Londoño (2002) and Alcir Pécora (2008) on the letters of the Jesuits constituted the theoretical basis that allowed us to understand the importance of the epistles for the action of the Jesuits. We also highlight the work of Yi-Fu Tuan (1980), who encouraged us to think differently about the experience that Xavier lived in Japan, interacting in different places with cultures hitherto unknown to the Jesuit.

Keywords: Japan. Francis Xavier. Letter.

EL VIAJE DE FRANCISCO JAVIER POR EL ARCHIPIÉLAGO JAPONÉS ENTRE 1549 Y 1552

Resumen: El artículo analiza la acción misionera del jesuita Francisco Xavier en Japón a mediados del siglo XVI. Para realizar el estudio, se utilizó como fuente una epístola en la que él narra su práctica apostólica y la de otros dos europeos vinculados a la Orden de los Jesuitas en aquel país. El estudio tiene como objetivo comprender los propósitos del misionero al escribir la carta, en la que aborda los triunfos y tribulaciones de los ignacianos en la nación japonesa. Además, a lo largo de este artículo, buscamos entender la concepción del jesuita sobre la sociedad japonesa. Nuestro abordaje metodológico ha consistido en un examen meticuloso de la misiva de Xavier, pues tenemos la información de que tal escrito no era un simple relato. Cuando sea oportuno, pretendemos cuestionar los elementos de la narrativa escrita por el evangelizador y como complemento comentar sobre la realidad japonesa del siglo XVI. Las pesquisas de Fernando Torres Londoño (2002) y Alcir Pécora (2008) sobre las cartas jesuitas se constituyeron en la base teórica que nos ha posibilitado comprender la importancia de las epístolas para la acción de los jesuitas. Incluso como fundamento teórico, destacamos la pesquisa de Yi-Fu Tuan (1980) que nos ha impulsado a pensar de manera diferenciada sobre la experiencia vivida por Xavier en Japón, interactuando en diferentes localidades con culturas desconocidas hasta entonces por el jesuita.

Palabras clave: Japón. Francisco Javier. Carta.

Referências

BAPTISTA S.J, Francisco de Sales. **Obras Completas**. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

BOXER, Charles Ralph. **O império colonial português: 1415-1825**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. **A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão - Dicionário e Civilização**. São Paulo: Globo Livros, 2008.

FUTATA, Marli Delmônico de Araújo. **A Companhia de Jesus no Japão e a Ação Missionária e Educacional na Segunda Metade do Século XVI**. Tese (Doutorado em Educação). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

JESUÍTAS BRASIL. **São Francisco Xavier é uma das referências para o nome do Papa Francisco**. 13 de Março 2013. Disponível em: <<https://www.jesuitasbrasil.org.br/2013/03/13/sao-francisco-xavier-e-uma-das-referencias-para-o-nome-do-papa-francisco/>>. Acesso em 05 de dezembro de 2021.

PÉCORA, Alcir. Epistolografia jesuítica no Brasil, Grão-Pará e Maranhão. In: **Revista Estudos Amazônicos**, Belém, vol. 3, n. 1, p. 39-46, 2008.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os Pregadores Japoneses: Missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614**. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2017.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI. In: **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000100002>> Acesso em 07 de janeiro 2018.

SINDEMANN, Kerstin-Katja. Japanese Buddhism in the 16th century. Letters of the Jesuit Missionaries. In: **Bulletin of Portuguese-Japanese Studies**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, n. 2, p. 111-133, June, 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36100206>>, acesso em 26 de maio de 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

WRIGHT, Jonathan. **Os jesuítas: missões, mitos e histórias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

YAMASHIRO, José. **História da Cultura Japonesa**. São Paulo: IBRASA, 1986.

_____. **Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII**. São Paulo: IBRASA, 1989.

_____. **História dos Samurais**. São Paulo: Ibrasa, 1993.

YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

SOBRE OS AUTORES

Willian Carlos Fassuci Larini é doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); participante do Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP).

Sezinando Luiz Menezes é doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP); docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Célio Juvenal Costa é doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Recebido em 29/10/2021

Aceito em 24/03/2022